

Direto do zoológico: a animália no romance de Clarice Lispector

André Leão Moreira

Mestre em Literatura Brasileira / UFMG

RESUMO

Este texto acompanha a visita de protagonistas dos romances de Clarice Lispector ao zoológico. Nessa oportunidade, o humano estabelece um encontro com o outro-animal, que, por sua condição marginalizada, resulta em interessante lugar de negociação de identidades limítrofes: a mulher e o bicho se olham.

PALAVRAS-CHAVE

Zooliteratura, alteridade, zoológicos

O encontro *formal* com os bichos teve sempre um lugar importante na ficção de Clarice Lispector. Em um de seus maiores expoentes, o conto “O búfalo”, acompanhamos o passeio de uma mulher anônima pelos labirintos das jaulas de animais.¹ Ela vai ao zoológico para aprender a odiar, mas se decepciona, pois só encontra amor nos olhos dos bichos. A opção por considerar o *olhar* dos animais como *sujeitos* é atitude importante no processo de alteridade, e esse conto é mesmo um dos mais exemplares para a questão. Entretanto, ocorrem nos romances discretas visitas de algumas protagonistas a esse mesmo espaço, que revelam importantes caracteres da concepção de animalidade e de humanidade, constantemente em diálogo. Para entrarmos nessa discussão, é necessária uma prévia da história dessas instituições nas sociedades modernas.

Os zoológicos estão inseridos na história do progressivo afastamento de relações entre homem e natureza, assim como os Jardins Botânicos, os Aquários, as Reservas Florestais e os Parques Nacionais. Segundo o crítico inglês John Berger, no texto “Por que olhar os animais”, antes da industrialização do século 19, “os animais constituíam o primeiro círculo do que

¹ LISPECTOR. *Laços de família*, p. 157-168.

rodeava o homem”,² numa centralidade econômica e produtiva, e apenas a partir daí suas relações tomaram rumos irreversíveis, tais como existem hoje.

O estado contemporâneo com que se apresenta o problema é o da dominação, ação antrópica sobre o outro-animal, na forma de domesticação, adestramento e consumo. Os animais fugiram ou foram expulsos do centro humanista do planeta. Nas casas, circos, parques, zoológicos, fazendas industriais ou matadouros, os não humanos continuam por toda parte. Recuando no tempo, Berger nos lembra da ancestralidade da relação com os animais, indicando que eles primeiramente entraram no imaginário humano como intermediadores de mensagens e promessas.

Nesse ínterim, fica patente a questão do olhar. O homem sempre apontou olhos curiosos para os bichos desde os primórdios. Berger afirma que nessa troca o animal “não reserva um olhar especial para o homem”, e no momento em que ele devolve “o olhar, o homem tem consciência de si mesmo”.³

Mas o homem tem a seu favor um artifício inquestionável: a linguagem humana. E é nesse campo que se processa o seu conhecimento de mundo, sendo também seu início e seu limite. Dois humanos que se olhem, mesmo que não compartilhem a linguagem em espécie ou que dela abdicuem, têm-na pairando em movimento potencial sobre sua incompreensão. Para o crítico, a existência da linguagem permite ao humano duplo movimento, pelo qual se considera o outro e a si mesmo. E assim, pela confirmação possibilitada pelo artifício da linguagem, confirma-se (desculpem a repetição inevitável) a ignorância e o medo humanos. Para ele, então, homem e animal diferem-se nesse ponto. Enquanto, para o animal, o medo se manifesta como resposta a um estímulo, “o medo nos homens é endêmico”.⁴

Seguem trilhas paralelas a vida de um bicho e a vida de um humano, pelo fato da ausência de linguagem comum. Ainda que domesticados, condição que os insere no campo simbólico e produtivo humano, os animais não confirmam o homem. Seu silêncio é fato e razão últimos da sua exclusão do círculo propriamente humano.

Por isso mesmo, propõe Berger, o companheirismo que se estabelece entre homem e animal é distinto de todas as trocas que se possam efetuar entre os propriamente humanos. Nessa parceria, o homem se isola como espécie. Com a impotência da linguagem instaurada radicalmente, é inevitável que o humano não seja acometido das reflexões mais diversas.

² BERGER. Por que olhar os animais?, p. 12.

³ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 13.

⁴ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 13.

Esse encontro, em que sobeja a falência da linguagem, é propício a resoluções teóricas interessantes: “seguidamente se encontra a convicção de que foi o homem que não teve capacidade de falar com os animais – daí as histórias e lendas de seres excepcionais, como Orfeu, que podiam falar com os animais na linguagem deles.”⁵ O exemplo de Berger é o da mitologia greco-latina. Provavelmente, o tema atrevesse todas as culturas. Conhecemos entre nós a figura do Curupira, uma de suas manifestações, no caso do folclore indígena-brasileiro.

A antropologia, preocupada com a passagem da natureza à cultura, é, em certo sentido, uma tentativa de resposta à pergunta suscitada pela interceptação de um olhar animal: quais os segredos da semelhança entre animal e homem, e qual a diferença?

Berger localiza o darwinismo do século 19 europeu como um expoente de uma tradição ancestral, em que figuravam lado a lado humanos e animais. O cientificismo daquele momento foi sua maneira inevitável de organizar essas existências, que vinham se cruzando há tempos imemoriais. Nos campos considerados hoje, a rigor, próprios do humano, participaram ativamente os animais, neles deixando seu rastro, sua memória persistente: “O primeiro tema de pintura foi animal. Provavelmente a primeira tinta foi sangue de animal. Antes disso, é razoável supor que a primeira metáfora tenha sido animal.” Esta última proposição se baseia no fato de ter sido essencialmente metafórica a relação que estabeleciam. Dentro dela, “o que os dois termos – homem e animal – partilhavam de comum revelou o que os diferenciava. E vice-versa”.⁶

Na literatura, o animal esteve sempre presente, sendo representado das mais diversas formas e marcando a memória de sua relação com o humano, a qual sofreu profundas mudanças no decorrer dos tempos. Voltemos aos zoológicos.

Em meio ao complexo processo de marginalização cultural dos bichos (pois não são mais imprescindíveis nas relações produtivas da era industrial) e, ao mesmo tempo, ao sempre ativo processo simbólico da imaginação humana de que participam, a marginalização física dos bichos deu-se em consonância ao surgimento dos zoológicos públicos.

Erguidos no Ocidente ao final do século 18 e início do 19, esses espaços estavam diretamente relacionados ao poder político de seus Estados. Materializavam outra face ou reverberação das práticas colonialistas que se alastravam na modernidade desde o século 16. Nesse momento, os zoológicos ilustram os troféus da colonização. É Berger quem afirma:

⁵ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 14.

⁶ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 15.

A captura de animais era a representação simbólica da conquista de todos os países exóticos e remotos. “Exploradores” provavam seu patriotismo mandando para casa um tigre ou elefante. O presente de um animal exótico ao zôo da metrópole tornou-se um símbolo das relações diplomáticas subservientes.⁷

Seu objetivo declarado, entretanto, era o de ser um museu moderno, independente e cívico, com função social de “aumentar o conhecimento e a ilustração do público”. Serviram também, podemos facilmente inferir, para as mais diversas experiências comportamentais com os não humanos que hospedava. Os confinamentos dos campos de terror nazista evocam uma analogia sedutora. Tentemos resistir.

As visitas aos zoológicos são feitas a mancheias. Nas cidades grandes contemporâneas, o passeio dedicado a esses espaços é certamente um dos preferidos pelas famílias e sobretudo pelas crianças. É uma oportunidade em que sobeja o sentimentalismo, um tanto complexo. O que as pessoas vão ver no zoológico? Berger tenta responder com a afirmação de que “(...) adultos levam crianças ao zoo para lhes mostrar os originais de suas ‘reproduções’, e talvez também na esperança de reencontrarem algo da inocência daquele mundo animal reproduzido que recordam de sua própria infância”.⁸

Mas os zoológicos decepcionam, porque os animais estão aquém da expectativa dos visitantes. Marginalizados do convívio espontâneo com os da sua espécie e sujeitos a estímulos alimentares em tempo fixo, os bichos estão quase sempre em profunda apatia. É a partir do *modo de ver* que se unem zoológicos e museus. As pessoas vão à exposição de animais para *ver* e fazem-no como num museu, passando de jaula em jaula no zoológico como vão, num museu, de uma peça a outra, de um quadro a outro.

Mesmo que seja amplo o espaço da jaula, de modo que ofereça certa liberdade, o visitante do zoo está diante de um ser “absolutamente marginalizado”. Os elementos a seu redor são reduzidos a símbolos: “a visibilidade através do vidro, os espaços entre as grades ou o ar vazio acima do fosso”,⁹ a decoração de tom realista, com pedras pintadas e ramos de vegetação servem ao humano como tentativa enganosa de reprodução do ambiente original. Segundo o crítico inglês, esses símbolos servem ao animal como constituição do único e “reduzido ambiente no qual [possa] existir fisicamente”.

A marginalização forçada é, por fim, o retrato de um processo que vem sendo empreendido pelas sociedades modernas e que foi acelerado pela industrialização. Os animais,

⁷ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 26.

⁸ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 27.

⁹ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 29.

embora haja toda uma indústria que se valha de sua imagística, indo das reproduções em bibelôs e brinquedos, além de séries audiovisuais que protagonizem, não *cabem* mais no mesmo espaço das metrópoles. Dentro desse problema que se instaura, é urgente falar dos animais de estimação, que aprenderam, pelo afeto e pela disciplina da mão humana, a *cabem* na sociedade. É urgente também escapar da complexidade que o assunto exige, já que não podemos por ora aprofundar. Voltemos às jaulas, pois as pessoas inegavelmente vão aos zoológicos para *ver*.¹⁰

Seria o zoológico uma tentativa de reatar o elo perdido entre as espécies? O que, nesse típico passeio urbano, as pessoas procuram? E, nessa troca, elas são vistas? O crítico constata que o zoológico só pode decepcionar.

O objetivo público dos zoológicos é oferecer aos visitantes a oportunidade de olhar animais. Mas em parte alguma num zoológico o visitante pode encontrar o olhar de um animal. Quando muito, o olhar do animal bruxuleia brevemente e segue adiante. Eles olham de soslaio. Olham cegamente para além de nós. Escaneiam tudo mecanicamente. Foram imunizados contra o encontro, porque nada mais pode ocupar um lugar *central* na sua atenção.¹¹

Em sua opinião, o olhar do animal está irrecuperavelmente perdido, fruto de seu processo de marginalização. Os zoológicos monumentalizam essa perda, revisitada diariamente por multidões. Tentemos acompanhar algumas visitas da literatura de Clarice Lispector a esse local.

Virgínia, a protagonista de *O lustre*, sentindo-se aliviada por ter ido ao médico e saber que não estava grávida, vai em seguida ao jardim zoológico. A condição em que se encontra é a do *medo* em mescla com o alívio. Mesmo desincumbida do dever da maternidade – “(...) sobretudo ela não era das que têm filhos” –, tem completa ciência de seu medo humano. E de que suas ações se pautam norteadas por esse sentimento: “Só o seu medo evitava as desgraças, só o seu medo.”¹² Vai a esse espaço para ver os animais, numa série em que o medo não estagna, senão a impulsiona.

No zoológico, os macacos estão aquém de sua expectativa. A impressão inicial da mulher era a de que “nada faziam”. De forma irônica, a narração nos oferece uma série de atitudes desses bichos: “catavam-se, olhavam, prendiam-se às grades piscando, faziam sinais,

¹⁰ John Berger nos oferece uma estatística monumental: anualmente, na França, 200 zoológicos são visitados por 22 milhões de pessoas. Suas reflexões datam de 1977.

¹¹ BERGER. Por que olhar os animais?, p. 31.

¹² LISPECTOR. *O lustre*, p. 155.

olhavam como doces prostitutas.”¹³ O olhar da mulher acompanha as atitudes do bicho, mas considera que “nada faziam”, em termos de sua expectativa. Como “doces prostitutas”, os macacos enjaulados agem por troca, intui Virgínia.

A decepção humana em relação ao bicho (como aquela apontada por Berger) muitas vezes pode reverberar em violência. De frente para a jaula do tigre, ela ouve do segurança: “– Algumas pessoas eu tenho que expulsar ou prender. Imagine a madama que uns homens acendem o cigarro, tiram uma tragada, e encostam no focinho do bicho.”¹⁴

Talvez, como esperavam para que se fizesse jus à visita ao zoo, os animais ali expostos devessem mostrar-se na plenitude de sua *performance*. Nesse mesmo sentido, Berger concluiu que os zoológicos só podem decepcionar. Ao frustrar-se a possibilidade do espetáculo, os humanos ou nada conseguem ver, como a cegueira de Virgínia para as atitudes dos macacos, ou mesmo transformam sua decepção em pulsão punitiva aos animais, como informou o chefe de segurança.

Nesse espaço, Virgínia também vê o já anunciado tigre. Diferente das atitudes irascíveis de ataque de certos visitantes, a mulher promove um encontro com os olhos do animal.

Aproximava-se do tigre respirando a quentura e o vício do cheiro da jaula; vencendo o próprio destino forçava-se a olhar sozinha no mundo para os olhos do tigre, para seu caminhar ondulante, elevando-se acima do terror, até que dele saía uma espécie de verdade, algo que a apaziguava como uma coisa, ela suspirava franzindo os olhos.¹⁵

A coragem do encontro com os olhos do bicho, que ocorre *embora* houvesse receio, mas também a partir desse medo, a acalma, por fim. A opção da mulher, diferente daqueles que pela violência promoviam a negação, é a de encontro afirmativo com a animalidade. Para tal encontro, o olhar, em todas as suas possibilidades, se mostra imprescindível. Todos os envolvidos no processo estão munidos da possibilidade de *olhar*, desdobrando perspectivas de observação (e de ação) múltiplas e imprevisíveis sobre a realidade. Vemos assim que a concepção com que se constroem as personagens – humanas e não humanas – de Clarice Lispector encerra importante mecanismo no sempre potencial processo de alteridade: eles *olham*.

¹³ LISPECTOR. *O lustre*, p. 155.

¹⁴ LISPECTOR. *O lustre*, p. 155.

¹⁵ LISPECTOR. *O lustre*, p. 155.

Lucrécia Neves, a protagonista de *A cidade sitiada*, visita o Aquário Nacional. Devemos lembrar que ela fora afastada do convívio mais próximo que mantinha com os bichos no subúrbio de S. Geraldo ao mudar-se para a metrópole, onde a natureza já se encontrava domesticada. Para entender a cidade, passeou com o marido pelo Museu, pelo Jardim Zoológico e pelo Aquário Nacional, instituições que registram o domínio humano no espaço da urbe. No aquário, que equivale a uma jaula dos zoos, Lucrécia revela apurada reflexão, embora brevíssima, sobre a condição dos peixes: “O único lugar onde podiam viver era-lhes a prisão.”¹⁶ A reflexão da mulher deixa patente o lugar de marginalização que resta, como possibilidade última, aos bichos selvagens no espaço urbano.

Por sua vez, Macabéa contaria com pouco instrumental teórico para o encontro com os bichos. Diferentemente de Virgínia, que aspira “uma verdade” dos olhos do tigre, a nortista de *A hora da estrela* só conta com o corpo para responder ao encontro com o animal rinoceronte. A visão de Virgínia transcende o tigre, o olhar de Macabéa se restringe ao seu corpo físico – “massa compacta, grossa, preta e roliça do rinoceronte”. Se o medo para Virgínia foi propulsor do encontro, para Macabéa, o medo paralisaria, pois “teve tanto medo que se mijou toda”.¹⁷

Nem a transcendência de Virgínia, nem a reflexão crítica de Lucrecia, Macabéa estaciona diante do bicho. Ao desafio que a alteridade animal lhe coloca, ela evade com uma proposição reveladora dos rudimentos de sua formação: “O rinoceronte lhe pareceu um erro de Deus, que me perdoe por favor, sim? Mas não pensava em Deus nenhum, era apenas um modo de.”¹⁸

Cedo na vida, a menina do sertão de Alagoas fora castrada da relação com animais. A tia imaginava que um gato ou cachorro doméstico seria “uma boca a mais para alimentar”. Miseráveis que eram as duas, não podiam dar-se a esse luxo. Para Macabéa, o encontro com o rinoceronte pode ter servido de modo a reatar sua vida presente – no “domesticado” Rio de Janeiro – à inocência da infância perdida no nordeste do Brasil. E seu corpo dá vazão ao inexplicável, que é a visão do bicho vivo. Em seu caso especial, a exuberância do rinoceronte foi para ela um desafio, pois se deparou com o que lhe era proibido, não tendo a linguagem necessária com que pudesse elaborar a experiência.

¹⁶ LISPECTOR. *A cidade sitiada*, p. 125.

¹⁷ LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 55.

¹⁸ LISPECTOR. *A hora da estrela*, p. 55.

Por fim, assistimos a essas oportunidades em que as protagonistas revelam diferentes perspectivas na experiência de encontro com o bicho. Na troca de olhares, declarada a ausência de linguagem comum, as três mulheres revelam diferentes *atitudes* frente ao outro-animal. Lugar de marginalização e confinamento animal, os zoológicos só podem mesmo decepcionar.¹⁹ Tais atitudes vão da decepção à transcendência, da crítica ao *status quo* dessas exposições vivas ou, como mostraria Macabéa, uma oportunidade para o corpo marcar a impossibilidade fatal desse encontro. Os zoológicos, ponte para o que resta de ancestral na relação próxima dos animais com os humanos, são usados, na ficção de Clarice Lispector, como lugar privilegiado para celebração desse encontro interdito.

Em sua experiência com a barata, no célebre romance de 1964, *A paixão segundo G.H.*, a protagonista se contaminou. Mesmo sem que haja a troca física, as citadas personagens de Clarice (Virgínia, Lucrecia e Macabéa) vão ao zoológico para ver os animais enjaulados, e esse encontro releva algo da ordem da contaminação. Um saber é estabelecido (ou fica em estado potencial) especificamente nesse encontro de olhares. Afinal, os instintos abafados dessas mulheres, em rudimentos de respostas que tentam preencher o vazio da incomunicabilidade, vêm fatalmente à tona com o encontro do outro-animal, também marginalizado.

RESUMEN

Este artículo analiza la visita al parque zoológico de tres personajes de las novelas de Clarice Lispector. Esta ocasión permite un interesante análisis del encuentro del humano con el animal y la negociación que se construye desde del límite de sus identidades.

PALABRAS-CLAVE

Zooliteratura, alteridad, zoológicos

REFERÊNCIAS

BERGER, John. Por que olhar os animais? In: _____. *Sobre o olhar*. Trad. Lya Luft. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 11-32.

¹⁹ Cf. o conto “O búfalo”, em *Laços de família*, que representa momento extremo de celebração desse encontro, iniciado em *O lustre*.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.